

CINEMA



MARIA DE MEDEIROS E ISABEL RUTH EM "VIAGEM A PORTUGAL": A ESTREIA NA FICÇÃO DE SÉRGIO TRÉFAUT É UM DOS FILMES INDISPENSÁVEIS DO INDIELISBOA 2011

## NUM TEMPO BRANCO E CARCERAL

Maria, ucraniana, desce no aeroporto de Faro. Estamos no alvor de 1998, o ano em que Portugal mais almeja uma visibilidade internacional — mas a data é de mera ironia. Maria não fala uma palavra de português, nem de inglês, percebe mal francês — e russo não é língua que a polícia portuguesa conheça. Submetida a interrogatório pelo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, consegue dizer que vem juntar-se ao marido, senegalês, negro, que trabalha em Lisboa, na construção civil. A agente que está a tratar do caso estranha — Maria está demasiado 'aperaltada'. Tráfico humano para as noites de sexo algarvio? É uma hipótese. Devolver Maria à procedência começa a desenhar-se como desfecho. O marido aparece, apresenta-se como médico, não aceita que retenham a mulher ali, mas também ainda não está com a sua situação inteiramente legalizada. A polícia não se demove. O cerco vai-se fechando, em noite de passagem do ano nem há advogados a quem recorrer. E, atendendo a que Maria não é indigente e traz consigo dinheiro que baste, terá de comprar a passagem de regresso do seu bolso. A lógica torna-se um fator de alucinação.

"Viagem a Portugal" é a primeira longa-metragem de ficção de Sérgio Tréfaut, cineasta com alguns dos mais marcantes documentários portugueses da última década ("Fleurette", "Lisboetas"). Constrói-se a partir de um caso verídico, pés assentes na realidade, tem uma ética de documentarista, mas faz-se segundo um esquema conceptual muito marcado. Tréfaut usa mesmo o adjetivo "experimental" para o qualificar, palavra que não perfilho pelo efeito de estranheza que carrega consigo. E "Viagem a Portugal" não tem nada de estranho, o seu dispositivo é apenas um modo de praticar uma notável eficácia comunicacional e emotiva. A ação decorre num período de 24

horas, a fotografia é a preto e branco, o filme é quase todo em grandes planos e utiliza, aqui e ali, a repetição dos mesmos diálogos quando acontece o contracampo (como que a sublinhar o artifício e, portanto, a ficção), os espaços são despojados, o fundo é, em geral, branco e vago, somos colocados numa espécie de suspensão, de terra de ninguém, numa sagaz aproximação ao estado de espírito da protagonista. Há uma sufocação carceral, uma instalação do absurdo, todavia sem violência animosa, tudo segundo uma série de procedimentos de inequívoca racionalidade (e, se calhar, necessidade), os membros do corpo policial estão ali a fazer o seu dever sem acrimónia e até podem ser solidários e simpáticos. Nada de brutalidade, água de rosas. Mas tudo aquilo é tão degradante da condição humana de Maria que se torna bárbaro. Na sua geometria formal, "Viagem a Portugal" tem um sentido de denúncia enérgico que nos abala.

Maria é Maria de Medeiros, regressada ao cinema português após dez anos de ausência (os seus últimos filmes, "Porto da Minha Infância" e "Água e Sal", datam de 2001), a falar russo e a debater-se contra um sistema alucinante, a agente que a interroga é Isabel Ruth (magnífica de crueldade branda) e o marido africano é Makéna Diop (que os mais atentos lembrarão de "O Herói", de Zézé Gamboa). Outros atores fazem pequenas aparições, com especial relevo para Rebeca Close, que protagoniza o outro caso de fronteira daquela mesma noite, afinal, muito mais dramático. **A**

Jorge Leitão Ramos

*("Viagem a Portugal" passa no Indie, no cinema São Jorge, nos dias 8 de maio, às 21h45, e 11 de maio, às 21h30, e tem estreia agendada para o princípio do verão)*